

A CIDADE PELA JANELA

Beatriz Resende

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Resumo: Em homenagem a Renato Cordeiro Gomes. Em seu renomado livro *Todas as Cidades, a Cidade*, Renato Cordeiro Gomes, partindo de um olhar poético sobre a cidade, nos mostra que “o campo de visão limita-se ao eu investido de nostalgia, que tenta reelaborar as perdas dos lugares afetivos que a cidade corroeu.” Inspirada por esta reflexão, lemos o último livro do escritor Sérgio Sant’Anna *A Dama de Branco*, publicado depois de sua morte. Com foco na narrativa que dá nome ao volume, escrita durante a pandemia de coronavírus que matou o autor, conferimos como a memória e os afetos são acionados nessa visão distante e ameaçada da cidade.

Abstract: In memory of Renato Cordeiro Gomes. In his renowned book *All Cities, The City*, Renato Cordeiro Gomes, starting from a poetic gaze on the city, shows us that “the field of vision is limited to a self invested in nostalgia, which aims to rework the losses of the affective locations that the city has corroded.” Inspired by this insight, we offer a reading of *The Lady in White*, the last book by Sérgio Sant’Anna, which was published posthumously. Focusing on the narrative that lends the volume its title, written during the coronavirus pandemic that killed the author, we see how memory and affections are triggered in this distant and threatened vision of the city.

Para Renato Cordeiro Gomes e Eneida Maria de Souza,
intérpretes do Brasil.

Os amigos e professores Renato Cordeiro Gomes e Eneida Maria de Souza, por tantos anos participantes do nosso grupo na BRASA, “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo Prof. Luiz Fernando Valente, nos deixaram fortes saudades. Deixam, porém, a maior herança que um intelectual pode legar: um repertório feito de saberes, de perspectivas iluminadoras e de caminhos que guiam os que continuam. Foi com essa emoção que construí o texto que junta à lembrança dos amigos a saudade de outro companheiro das artes que nos deixou recentemente: o escritor Sérgio Sant’Anna.

Para falar da cidade vista pelas janelas, como narrou Sérgio no final da vida, recordo o maravilhoso ensaio de Renato, *Janelas Indiscretas e Ruas Devassadas: Duas matrizes para a representação da cidade*, publicado em 2012¹, ele, o autor parte da narrativa de E.T. A. Hoffmann, *A Janela de Esquina do Meu Primo* (1822), falando do consolo que o protagonista, doente, preso em casa, busca olhando a rua pela janela. Diz Renato: “As personagens descrevem impressões sobre o panorama, o que resulta na construção da narrativa a partir da imaginação criadora de ambos”. O homem que não pode sair à rua, ensina assim, a “arte de enxergar”, com a sensibilidade aguçada pela imobilidade de quem aprende a ver a cena urbana enquadrada pela janela.

Eneida, em seu último ensaio “Janelas entre literatura e pandemias”, publicado em *Narrativas Impuras*, lançado no final de 2021, também parte do ensaio de Cordeiro Gomes para chegar à cidade isolada pelo Covid 19. Diz Eneida:

No início da pandemia, as cidades tornaram-se vazias, visão cinematográfica de fim de mundo. Seria essa a paisagem que se descortina para o futuro? Não estaria o suposto exterior das ruas devolvendo ao interior abafado pelo isolamento um alerta para a revisão dessa relação conflituosa entre sujeito e comunidade? ²

Sigo, então, guiada pelos dois mestres, pelos últimos e belos contos de Sant’Anna. A edição do livro *A Dama de Branco*, publicado em agosto de 2021, depois de sua morte, foi uma despedida em grande estilo.

¹ GOMES, Renato Cordeiro. “Janelas indiscretas e ruas devassadas: Duas matrizes para a representação da cidade. *Revista Dispositiva*, Belo Horizonte, PUC Mina, v.1, n.1, 2012.

² SOUZA, Eneida Maria. “Janelas”. In: _____. *Narrativas impuras*. Recife: CEPE, 2021.

Os últimos livros de Sant'Anna mexeram de forma importante com o próprio modelo, espécie, formato, ou seja lá o que for, a que chamamos conto ou o que o autor andou preferindo chamar de “narrativas” ou “histórias”. São contos minimalistas, como certa vez mencionou, ou relatos de vida vivida, reflexões sobre o que é o conto, experimentos do escrever: “esta interminável busca e insatisfação”³.

Em alguns dos últimos textos, ensaiou as várias possibilidades de usar o eu: “não adianta, pensa o cronista. Sou sempre eu mesmo”⁴, apresentou-se como S. ou Sant'Anna, ou como você. São memórias de vida vivida como os encontros com artistas (reais) de diversas partes do mundo, regados a bebida e drogas, no International Writing Program, nos EUA. Ou relatos dos anos passados em Londres com a família e o irmão, em “História que não é bem uma história”⁵, porque, como diz, o protagonista é um ser que habita um corpo”. Museus da vida.

A memória é ficcionalizada pelo autor, que declarou não se incomodar com tal rótulo de “autoficção”, mas, como disse: “tem que ter abertura para mentir e inventar. Ou seja, o escritor pode “chutar à vontade”⁶.

Falo dos momentos de um autor em busca do texto impossível, inatingível, nunca suficientemente satisfatório para contê-lo, para fazê-lo dar-se por satisfeito, como naquele ambicionado em “Prosa”.

Um texto que já superasse a tradição moderna, mas não se filiasse a nenhuma outra, pelo contrário, pairando no momento zero da indefinição sobre a qual cedo ou tarde se inscreverá a palavra inaugural que ainda não se vislumbrou.⁷

A publicação do livro de 2021 nos sacode não apenas com a força da despedida, mas provoca o fascínio de textos absolutamente extraordinários, com a beleza do conto que dá nome ao volume, e lhe garante o espaço da desejável imortalidade que é

³ SANT'ANNA, Sérgio. *O conto zero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.126. Daqui por diante o livro será indicado como OCZ.

⁴ SANT'ANNA, Sérgio. *O anjo negro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p.172. Daqui por diante o livro será indicado como NA.

⁵ Ver matéria de Bernardo Esteves para a revista *Piauí* em NIGRI, André; PACHECO, Gustavo (Orgs.) *O conto não existe*. Recife: CEPE, 2021. p.119. Daqui por diante o livro será indicado como OCNE.

⁶ SANT'ANNA, Sérgio. *O homem-mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 116. Daqui por diante o livro será indicado como OHM.

⁷ SANT'ANNA, Sérgio. *A dama de branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 99. Daqui por diante o livro será indicado como ADB.

predicado dos grandes autores. A literatura tem esse mérito maior, conceder a perenidade aos que melhor a cortejam.

O último texto de Sérgio foi divulgado na internet em 1º de maio de 2020, dez dias antes de sua morte pela peste contemporânea. Naquele momento, Sérgio usava quase diariamente as redes sociais para protestar energicamente contra os ataques que a democracia sofria do governo fascista de Jair Bolsonaro (01/2019 a 10/2023). Reiterava a coerência de sempre, manifestando-se na defesa da liberdade, sob todas as formas, a pessoal e a da sociedade.

Em postagens corajosas nas redes sociais, dizendo que fazia o que podia, consumia-se com o Brasil, um filme de terror, como disse. Suas publicações frequentes lhe renderam ataques e ameaças até depois da morte, pois esse era o país em que vivíamos. O autoritarismo não o venceu, mas a pandemia e o negacionismo que deixarão marcas na história do país, sim.

“A dama de branco”, o conto, se inicia pela visão que partilhamos durante dois longos anos: a cidade, as pessoas, o parco movimento nas calçadas, vislumbrados de nossas janelas. Encarcerados pela ameaça que rondava os que circulavam pelas ruas, olhávamos, das celas de que apenas vez por outra escapávamos, os que lá fora se moviam.

A imagem da dama de branco surge na noite desses tempos estranhos como parte ínfima do cosmo: “Embora pequenas, as sacadas são uma abertura para o universo”.⁸

A narrativa é, ou pode de ser, um fio que nos leva a momentos diversos do conjunto do trabalho único que é o de nosso contista. A noite, a escuridão, que vão e vêm

contaminando narrador e personagens, mais que cenários, são cúmplices, asseclas.

A mulher na madrugada parece pertencer-lhe exclusivamente, é bela, é sedutora, está em outra dimensão, mas existe pela escrita: “Crio para a dama de branco uma história”. (ADB, p.101).

A dama é o desejo do solitário, volúpia que já não poderia se completar porque os anos pesam e não haveria transa possível. O que o angustia é “a tristeza rigorosa, que me faz feliz”. A afirmação definitiva não é nova, é recorrente por toda o conjunto da obra, como já dissera: “a morte não passa de uma obsessão minha”:

⁸ SANT’ANNA, Sérgio. *A dama de branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p.99. Daqui por diante o livro será indicado como ADB.

Ah, mas como eu gostaria de deitar com a dama de branco numa cama, consumindo ópio. Como não tenho ópio, vai este baseado mesmo. Seria como se nos beijássemos, misturando nossas salivas em sua seda. (ADB, p.102)

Um terceiro conto de *A dama de branco* merece atenção: “Noites”, mais uma experimentação de forma, é puro enunciado das possibilidades da noite. Ainda aí, a noite é a solidão, a ameaça da proximidade da morte, eclipse da vida, a insônia dos escritores. Narrativa curta e arrebatadora, talvez mais ensaio do que conto curto, possibilidades de histórias que não se desenrolam, mas que, de alguma forma, já se apresentaram em outros momentos.

Em meio à associação de ideias está o traço político: “a noite do insone na escuridão lúgubre do país”. A noite do escritor pode ser a noite de leitores que não encontram o sono, fechados em casa, olhando, mais uma vez, as ruas pelas janelas. Certamente o temor da “última e definitiva noite”:

A noite dos sonhos esquecidos para sempre. A noite negra com a mulher negra. A noite de lágrimas não confortadas. A noite da morte do pai. A noite da escrita febril. A noite da escrita abortada. A noite desesperada. A noite abençoada. As mil e uma noites. (ADP, p.98)

Na enumeração das noites possíveis, duas delas, a noite surrealista e a noite do suicídio, nos remetem para o livro que não pode deixar de ter presença nessa reflexão sobre as múltiplas mortes na obra de Sérgio Sant’Anna: o premiado *O Voo da Madrugada*, de 2003.

Em entrevista ao site que mantínhamos no Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC-UFRJ, na ocasião em que o livro foi lançado, quando pedimos que falasse de como, mais do que qualquer outro, o livro tratava da dor, da solidão e da beleza, o autor respondeu:

A diferença maior neste último livro está em que efetuei um mergulho profundo dentro de mim mesmo, vencendo os medos de expor-me até o último limite (...) mergulhei fundo no tema da morte, que aliás, me fascina. Os temas da morte e da solidão. Tudo redimido, quero crer, por um apuro estético, pela beleza, como está dito na pergunta.⁹

É em *O voo da madrugada* que Sant’Anna enfrenta a si mesmo com coragem ao transformar em conto a história do momento em que, vivendo uma depressão para a

⁹ A entrevista está reproduzida em OCNE, p. 72.

qual não encontrava saída, tenta o suicídio.¹⁰ Falando da sobrevivência à tentativa escreve em um conto.

E a única coisa que você pode fazer para elevar-se um mínimo que seja, na situação em que se encontra, é escrever um conto. Então você invoca as forças que talvez possam ativar-se no meio da sua grande fragilidade para que lhe concedam esse pequeno conto de sobrevivente. (OVM, p.108)

A sobrevivência foi realmente decisiva na obra de Sérgio Sant'Anna. Nada mais segurava seu caminho para um sucesso ainda maior, com inovações e uso definitivo do formato narrativas curtas.

Exemplo excelente da incorporação de acontecimento externo, vivido, à criação literária, neste caso com toda a sua materialidade, está na visita que faz a personagem de “O conto” a uma exposição de Novos Artistas Brasileiros e a moça vê uma escultura de relance. A obra fora sido feita por outra mulher, Cristina Salgado, e se intitulava *Lança*, uma comprida haste de ferro fundido, presa por um cabo de aço ao teto, milímetros acima de uma cabeça feminina. Cito a narrativa de *O conto zero*:

A escultura não deixava de ser um decepamento e um esquarteramento, mas também era uma poderosa coisa mental e, por um instante, a moça sentiu como se aquela cabeça e pedaços do corpo, cortados assepticamente, pertencessem a ela e a todas as mulheres do mundo. (OCZ, p.132)

Lança não é exatamente uma obra de Cristina Salgado apresentada em alguma exposição, mas quem conhece os trabalhos da artista vai concordar que dificilmente uma escultura sua seria tão perfeitamente descrita: “poderosa coisa mental”.

Para finalizar, voltemos ao conto “A dama de branco”.

O que a mim mais emociona, como leitora que há décadas experimenta o prazer estético da escrita de Sérgio Sant'Anna, é a intimidade que vai sendo adquirida com o desejo de morte, com a angústia de ser mortal, com o debate entre vida e morte, a convivência, que nesse momento nos parece mais frequente, com *a morte*, esse grande tema da literatura desde os trágicos gregos. Nesse convívio poético a escrita se transforma, a narrativa se entranha da fragilidade da vida, das dificuldades de se manter vivo.

¹⁰ Na matéria da revista *Piauí* já citada, o jornalista relata os fatos contados pelos filhos, ex-mulher, amigos e o próprio escritor que afirmou nunca ter pensado que o ser humano pudesse sofrer tanto assim. (OCNE, p.126-128).

Ao final do trajeto não se sabe se é você ou ele quem se deita com a morte, que é seduzido, abandonado ou capturado pela morte. Talvez um eu ou um você.

Beatriz Resende é Professora Titular da Faculdade de Letras da UFRJ, bolsista da FAPERJ e pesquisadora do CNPQ. Coordena o Programa Avançado de Cultura Contemporânea-PACC/UFRJ e é editora da Revista Z Cultural: PACC/UFRJ. É autora, dentre outras publicações, de *Sobre Lima Barreto*. SP: e-galaxia, 2017; *Poéticas do Contemporâneo*. SP: e-galaxia, 2017; *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. *Contemporâneos, Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*. RJ: Casa da Palavra, 2008; *Apontamentos de Crítica Cultural*. RJ: Aeroplano, 2000. Organizou *O que Pensamos do Presente*, com Lucas Bandeira RJ: Editora UFRJ/FAPERJ, 2023.